



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL COLONIAL: ARTE BARROCA, EDUCAÇÃO E RELIGIÃO

Ana Palmira B. S. Casimiro*
(UESB)

Camila Nunes Duarte Silveira**
(UESB)

Maria Cleidiana Oliveira de Almeida***
(UESB)

RESUMO

Não é possível construir uma teoria da sociedade brasileira colonial, sem levarmos em conta as estreitas relações existentes entre os conceitos: a) a arte barroca e o chamado espírito barroco; b) a educação, no seu sentido amplo; c) a religião católica, cá instalada; d) a sociedade fortemente polarizada; e: as condições da vida material. Esses conceitos determinaram e foram determinantes das condições materiais e das relações sociais vigentes no mencionado período. O presente trabalho pretende conceituar o significado de “espírito barroco”, analisar e relacionar as categorias arte, religião e educação, no sentido de investigar como essas categorias estiveram mais ou menos entrelaçadas, nas teias de relações tecidas pelos homens que aqui estiveram presentes.

PALAVRAS-CHAVE: Companhia de Jesus. Educação. Espírito Barroco.

* Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Doutora em Educação pela UFBA e Pós-Doutora em Educação pela UNICAMP. É pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Educação e Sociedade no Brasil – HISTEDBR e ao Museu Pedagógico, no qual coordena o Grupo Fundamentos da Educação: Memória, Imagem, Religião e Educação. É autora de publicações na área de História da Arte e História da Educação, com ênfase em barroco e Brasil Colonial. E-mail: apcasimiro@oi.com.br.

** Pedagoga e Historiadora pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia- FAPESB e participante do Grupo de Pesquisa Fundamentos da Educação-Museu Pedagógico-UESB, coordenado pela Profa. Dra. Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro. E-mail: mila-ped@hotmail.com.

*** Historiadora pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; Professora do Instituto de Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA, e participante do Grupo de Pesquisa Fundamentos da Educação-Museu Pedagógico-UESB, coordenado pela Profa. Dra. Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro. E-mail: cleidinha.prof@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

INTRODUÇÃO

No Brasil Colonial, a religião e a educação tiveram um papel preponderante. As relações entre a religião católica e a educação formal apresentaram uma convergência fortíssima e se tornaram mais estreitas, ainda, porque eram mediadas pelas manifestações artísticas barrocas. Este fenômeno encontra explicação no modo de organização material das relações sociais vigentes e, conseqüentemente, nas formas de organização social que vão proporcionar ideias, conhecimentos e arte análogos, ou seja, com capacidades mentais e formas de pensamento homólogas, prevalentemente, no que respeita à tríade religião, educação e arte.

Assim como a fé e o cultivo da religiosidade eram tarefas dos párocos e dos religiosos regulares, a educação também o era. A diferença é que para cada classe era destinada uma evangelização e uma educação correspondente à vida que haveriam de levar. Ambas as pedagogias: religiosa e formal eram fatores ativos na catalização dos conflitos advindos da tensão social resultante das formas como se organizava a sociedade.

Nesse contexto, se expressando de modo independente, ou mediando as relações entre religiosidade, educação, fé e hábitos culturais, a arte barroca, por meio dos seus sermões, literatura, música e artes plásticas, encontrou terreno fértil para se expandir, influenciando e sendo influenciada pelo meio no qual se desenvolveu.

Entretanto, apesar de diferenciada, a educação, em ambos os casos, introjetava uma visão de mundo religiosa e esperava (obrigava) que as pessoas se comportassem de acordo com essa visão. Os colonos eram preparados para fazerem a leitura da realidade de acordo com a ideia religiosa: 'sinais do tempo', 'castigo de Deus', 'desígnios de Deus', 'corpo e alma' etc. Aliaram-se a isso os mecanismos de controle e punições das transgressões civis e religiosas. E,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

finalmente, a certeza das sanções divinas para os pecadores e a perspectiva do ‘fogo do inferno’, para quem morresse em pecado mortal. Formas de controle, punições, ameaças, medo vão ser algumas das categorias mais utilizadas na arte da oratória sagrada, pelos oradores religiosos da época, cujo exemplo maior foi o Jesuíta Antônio Vieira (1608-1697).

Entretanto, essa complexidade da qual o ‘espírito barroco’ era, ao mesmo tempo, causa e efeito¹⁰⁹, foi resultante de mudanças profundas na sociedade europeia em parte decorrente das descobertas de novas terras e novas culturas, abissalmente diferentes do comportamento humanista-renascentista.

Sabemos que com os elementos iniciais nativos, portugueses e negros, formou-se no Brasil Colonial uma sociedade polarizada em classes, compostas, prevalentemente, por senhores portugueses e por escravizados africanos. Os costumes dos portugueses, transplantados da metrópole, aqui se mesclaram aos hábitos dos nativos e dos negros trazidos compulsoriamente. Aos poucos, com o desenrolar das atividades econômicas cá desenvolvidas, as relações socioculturais foram se tornando mais complexas, mas, sempre, fortemente polarizadas, principalmente porque eram mediadas pelo espírito de época barroco. O presente trabalho pretende conceituar o significado de “espírito barroco”, analisar e relacionar as categorias arte, religião e educação, no sentido de investigar como essas categorias permaneceram mais ou menos entrelaçadas, nas teias de relações tecidas pelos homens que cá estiveram presentes, uns, poucos, na condição de dominadores e outros, muitos, na condição de dominados. E como elas determinaram e foram, ao mesmo tempo, determinadas pela sociedade aqui instalada.

¹⁰⁹FRANCASTEL, Pierre. **A Realidade Figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte**. São Paulo, Perspectiva, EDUSP, 1973.447 páginas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

No que diz respeito às representações imagéticas, a arte renascentista, caracterizada como modelo estético ideal, foi amplamente representada nas obras de Leonardo da Vinci e outros artistas do período e caracterizou-se pela linearidade das formas e representação perfeita da natureza. Suas imagens estavam, quase sempre, associadas à memória dos sermões pregados nas igrejas cristãs, tipificada na anunciação, na morte e ascensão de Cristo e da Assunção de Maria aos céus.

Segundo Casimiro¹¹⁰, assim como na arte renascentista, a arte barroca também estava envolvida “em imagens materiais (formas, cores, medidas, corpos, gestos, figuras e comportamentos, etc.) e mentais (percepção, conhecimento, moralidade, espiritualidade, atitudes), justificando assim o que muitos teóricos chamam de espírito de época¹¹¹.

Embora coincidentes em alguns aspectos com as expressões artísticas do renascimento, as obras barrocas podem ser consideradas como um contraste, um desvio em relação às obras renascentistas. O próprio termo¹¹² que o designa, pode denunciar a não linearidade dessas formas.

Casimiro, amparada nas teorias de Hauser, Wölfflin e Ávila¹¹³, considera que o barroco pode ter sido a mais bem sucedida manipulação da imagem tanto no aspecto pedagógico quanto ideológico, na história da arte. Para a autora (2011, p.06),

¹¹⁰CASIMIRO, Ana Palmira B.S. **Memória, Imagem, Religião, Educação: Herança de uma sociedade no limiar da (des)razão**. Expositora da Mesa Temática no IX Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional do Museu Pedagógico (2011, p.06).

¹¹¹ Michael Baxandall, para o Renascimento usa o conceito ‘capacidades mentais’ mais ou menos homólogo de ‘espírito de época’.

¹¹² Alguns teóricos acreditam que o lexema tem sua origem na Península Ibérica. Assim sendo, tanto o termo castelhano *barrueco* como o português *barroco* significariam uma “pérola de superfície irregular”, imagem que acabou sendo utilizada para caracterizar, de modo depreciativo, as inovações artísticas produzidas após o renascimento. (KIRCHOF, 2008, p.29).

¹¹³ ÁVILA, Afonso. **O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco**. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Debates); HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. v. 2. São Paulo, Mestre Jou, 1972; WOLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais de história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1984, dentre outros autores teorizam sobre o barroco.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Esta estética expressou-se mediante várias linguagens artísticas mantendo, porém, uma unicidade que a torna facilmente reconhecível. Na expressão da linguagem verbal, o barroco desenvolveu-se em várias vertentes, principalmente no campo da oratória sagrada, onde não só se destinava a comover e a persuadir para a fé, mas brotava das necessidades da colonização no Brasil.

Dessa forma, entre os séculos XV e XVI, as principais ideias que influenciaram o pensamento europeu, traziam em si a herança do renascimento e a presença do barroco. Esses “movimentos intelectuais” nascidos na Itália espelharam-se pela Europa, gerando formas e linguagens a diferentes culturas. Conceitos trazidos na “bagagem cultural”, que nortearam as ações da civilização europeia diante do Novo Mundo.

De modo semelhante, ocorreu no processo de colonização do Brasil, quando traços da cultura europeia foram amplamente transmitidos aos nativos das terras brasílicas. Tais influências são perceptíveis na religião e na educação que apresentavam características das manifestações artísticas que acabaram por orientar a organização material, social e mesmo as formas de pensamento dos seus sujeitos, prevalentemente, a tríade religião, educação e arte da Colônia.

Como a conquista do Novo Mundo esteve associada ao processo de evangelização e propagação da fé Cristã, Império e Igreja se uniram, de fato, com o propósito de conquistar novos mercados e catequizar os gentios. Frente a isso, algumas ordens religiosas – Beneditinas, Carmelitas, Franciscanas, dentre outras - foram enviadas pelo reino português com a intenção de contribuir com o processo de colonização das terras. Dentre elas, a Companhia de Jesus deteve o mais importante papel, dada a dimensão desta Ordem e a estreita associação que foi feita entre evangelização e educação na colônia.

Certamente, ao chegarem às terras tupiniquins os padres jesuítas traziam consigo corações e mentes repletos de expectativas e idealizações acerca do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

trabalho a ser realizado, esses padres tinham consciência sobre a missão a exercer, pois, era a função deles tornar conhecida a graça de Deus entre os homens.

Os jesuítas deveriam desempenhar diferentes funções na empresa colonizadora, a de missionários, na pregação de palavra de Deus, a de confessores da Coroa e, especialmente, a de educadores. Esta última função desempenharam com tamanho zelo que acabou por se constituir como a principal atividade da Ordem Inaciana. Assim, logo que chegaram, começaram suas atividades, confessando pessoas, realizando missas e ensinando os meninos, tanto na doutrina, no trabalho, quanto a “ler e escrever”.

A pedagogia proposta para o Brasil Colonial, de natureza religiosa, apresentava conteúdos religiosos e doutrinários da Igreja consolidados com base nos escritos teológicos, inspirados pelas sagradas escrituras, e os escritos estoicos, estes últimos, com uma presença marcante, conforme afirma Casimiro¹¹⁴:

Na pedagogia moral colonial, a contribuição estoica foi tão significativa quanto os textos da Sagrada Escritura, Patrística e Escolástica. Isto se explica porque o estoicismo passou por um fundamento histórico original e se firmou, posteriormente, exercendo influência sobre outras doutrinas, especialmente sobre o cristianismo, nos aspectos da teologia Moral.

No Brasil Colonial, religião e educação se complementavam, pois, uma justificava a outra e, em ambas, era notória a presença do barroco. Novamente Casimiro¹¹⁵ explicita:

Fazendo mediação dessas duas formas pedagógicas estava o barroco, aqui compreendido como forma de linguagem, plural, carregada de significados, que se manifestava, dentre outras expressões, em linguagem plástica, nas suas variações (arquitetura, escultura, pintura, talha e ourivesaria) e linguagem

¹¹⁴CASIMIRO, Ana Palmira B.S. **O Barroco como forma de expressão religiosa e pedagógica no mundo Colonial**. VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. (2010, p.05).

¹¹⁵CASIMIRO, Ana Palmira B.S. **O Barroco como forma de expressão religiosa e pedagógica no mundo Colonial**. VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. (2010, p.07).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

verbal, desdobrada em sermões e tratados escritos de teologia moral.

Permeada por elementos do pensamento plástico e verbal, a arte barroca está presente no cotidiano dos colonizadores e colonizados, mormente os jesuítas, na arquitetura, na pintura, na teatralidade e procissões. Para, além disso, estava também presente na teologia moral e obras apologéticas que legitimavam a unicidade entre Igreja e Império.

No centro desse cenário, a Companhia de Jesus foi uma instituição amplamente influenciada pelo estilo barroco e seu projeto educacional difundiu essas ideias no contexto colonial do Brasil. Se o grande objetivo da cultura barroca era fazer com que a sociedade reconhecesse o poder da autoridade política e religiosa através da arte e da teologia, o projeto colonizador europeu fez valer o trabalho desses padres que se puseram a buscar estratégias para trazer o homem (tanto o português como o nativo e o escravo trazido compulsoriamente) a uma vida mais próxima de Deus por meio de ações que julgavam ser coerentes ao pensamento cristão.

Destarte, no Brasil Colonial, religião, arte e educação andavam juntas. A religião era a justificativa maior da educação e a educação servia, antes de tudo, para a “Dilatação da Fé e do Império”. A arte era o 'audiovisual' adequado para veicular os ensinamentos cristãos. Eram, ao mesmo tempo, convergentes e complementares. Fazendo a mediação dessas duas formas pedagógicas (catequese e primeiras letras) estava o barroco, aqui compreendido como forma de linguagem, plural, carregada de significados, que se manifestava, dentre outras expressões, na música, em linguagem plástica, nas suas variações (arquitetura, escultura, pintura, talha e ourivesaria) e na linguagem verbal, desdobrada em sermões e tratados escritos de teologia e moral.

Transplantado para o Brasil desde o século XVI, principalmente pelas ordens religiosas cá instaladas, o barroco conheceu variações históricas,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

geográficas e formais¹¹⁶. Mas, é consenso o fato de que esse estilo permitiu uma unicidade entre formas de pensamento plástico e verbal. Como modo de pensamento plástico¹¹⁷, colaborou para a educação apresentando uma verdadeira gramática formal na construção de igrejas, mosteiros e conventos; na decoração de retábulos, altares e claustros, com esculturas, pinturas e talha; e na garantia do sucesso e teatralidade das procissões. Nas representações escultóricas e pictóricas dos episódios bíblicos e dos santos de devoção colonial, todas as formas de expressão artísticas barrocas eram realizadas com o mais abusivo uso de curvas, contracurvas, volutas, cores, ouro e prata.

Como modo de expressão verbal, a linguagem barroca desdobrada em tratados de teologia moral e obras apologéticas, confirmava a fé e garantia a unicidade da Igreja Católica e do Império. Isto se dava por meio de sofisticado sermonário e abundante literatura, de características retóricas, proselitistas, e persuasórias — cujas categorias formais e psicológicas eram homólogas às da linguagem plástica. A despeito da complexidade, contradições e ambiguidades atribuídas a esse estilo, era esta a linguagem artística compreendida naquele tempo e lugar. Ademais, o barroco influenciava e era influenciado pelos homens coloniais.

Assim, no tempo em que viveram os teólogos e moralistas jesuítas a exemplo de Vieira, Benci e Antonil, responsáveis pela religiosidade e educação no Brasil colonial, predominava a estética barroca, de formas aparentes, luxuosa, de fausto e esplendor. Nos atos litúrgicos, nas festas, solenidades e procissões religiosas, aquela estética era incentivada e ordenada pelas normas religiosas e impregnava o sermonário da época com conceitos econômicos, sociais e morais que acreditavam ser devido ao culto todo o luxo que garantisse a 'providência

¹¹⁶ Para compreender as variantes específicas do movimento barroco no Brasil, utilizamos as categorias de Afonso Ávila em *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*, (1980), que destaca a capacidade lúdica, o caráter persuasório, a ambivalência semântica, o uso de metáforas, repetições e frases paradigmáticas e o latinismo, tão presentes nas obras coloniais.

¹¹⁷ Cf. o conceito de linguagem verbal e plástica em Francastel (1973).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

divina', para a perpetuação das riquezas daqueles senhores. A exigência do luxo em templos e objetos ligados ao culto encontrou no barroco, com sua riqueza decorativa e diversificada, uma correspondência perfeita para a época.

A estética barroca era aceita pela sociedade que disputava quem melhor representaria tal ideal. Era o gosto da arte erudita europeia da época, transplantada e adaptada à colônia, onde, com materiais muitas vezes importados do reino, tentava-se fazer igual. O barroco era, pois, a expressão artística coerente com o sentimento do homem do Brasil colonial: religioso, preocupado com a salvação da alma, mas, também, ciente dos prazeres materiais, da ostentação, do prazer que o poder confere às pessoas. Nisso se condensa uma tensão permanente, que foi atributo essencial do espírito barroco¹¹⁸.

Esta estética expressou-se mediante várias linguagens artísticas mantendo, porém, uma unicidade que a tornou facilmente reconhecível. Na expressão da linguagem verbal ¹¹⁹, o barroco desenvolveu-se em várias vertentes, principalmente no campo da oratória sagrada, onde não só se destinava a comover e a persuadir para a fé, mas brotava das necessidades da colonização no Brasil. Resumia-se, na maioria das vezes, na catequese do índio e na edificação do colono, segundo as normas doutrinárias da Igreja católica.

Diz Massaud Moisés (1983 p. 195) que o discurso barroco, por meio dos sermões, e comunicando-se diretamente com os espectadores, “permitia a fácil transmissão do catecismo; facultava, mais do que o teatro, o acesso à consciência

¹¹⁸As categorias plásticas e formais que caracterizam o barroco são: a intensa movimentação conseguida com o predomínio das linhas diagonais; os contrastes entre o claro e o escuro; os movimentos de torção; as vestes esvoaçantes; as curvas; a sinuosidade; o côncavo e o convexo; as ondulações; o excesso ornamental; a unicidade dos elementos; o pictórico; a profundidade; os contrastes violentos. A essas categorias formais corresponderam categorias psicológicas ou reveladoras de sentimentos e sensações como: dinamismo; ambiguidade; redundância; lirismo; sensualidade; dramaticidade; exuberância; exagero; extravagância; tensão, dentre outras. In: CASIMIRO, Ana Palmira B.S. Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos: uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil colonial. Salvador: Faculdade de Educação/UFBA, 2002 (p.139-143) - Tese de doutoramento.

¹¹⁹Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1968) conceitua a linguagem barroca tomando como base a sua complexidade psicológica, seu dramatismo, ansiedade, e capacidade de distorção. O barroco é, pois, uma linguagem bipolarizada, antitética, ambígua e contraditória, pelo uso de novas figuras de linguagem como paradoxos, neologismos, latinismos, hipérboles, pleonasmos, anáforas, quiasmas, paralelismos etc.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

individual e grupal, e a transfusão de doutrinas básicas”. Além disso, respeitadas as formas de expressão, o discurso barroco conservava ou reproduzia as mesmas características formais das artes plásticas com o uso de palavras incomuns, termos eruditos, latinismos, desdobramentos e abundante uso de figuras de linguagem, e com características psicológicas manifestadas nas ambivalências semânticas, no jogo lúdico das palavras, na dramaticidade e na tragicidade, no emprego persuasório das palavras, nos contrastes violentos, e nas ambiguidades. Totalmente imbuído desse ‘espírito’ barroco, os religiosos coloniais vão fazer uso dessa estética ao pronunciar e escrever os seus sermões.

CONCLUSÕES

O presente trabalho tentou explicitar, analisar e relacionar as categorias arte, religião e educação, e mostrar como essas categorias estiveram mais ou menos entrelaçadas, nas teias de relações tecidas pelos homens que cá estiveram presentes, uns, poucos, na condição de dominadores e outros, muitos, na condição de dominados.

No barroco, conteúdo e forma se confundem. Isto é, a forma dá ênfase ao conteúdo, e o conteúdo facilita a forma barroca. Na literatura, se confundem mais ainda. Neste sentido, a linguagem barroca usada pelos moralistas da época, prevalentemente os teólogos da Companhia de Jesus, diz bem do proselitismo, da crença nas ideias que apregoavam, diferentes, por exemplo, dos textos dos iluministas e liberalistas que, embora sejam de época subsequente, tendem para uma forma de expressão mais despojada, e mais racional. Diferem na forma e no conteúdo. Assim, a título de considerações finais, podemos dizer que religião, educação e arte (no período em questão, a arte barroca, em suas diversas formas de expressão) andaram juntos no Brasil Colonial, enredados para a Maior Glória de Deus e da Igreja.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil. Est. Bibliogr. Por Affonso Taunay; notas de Fernando Sales.* Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP. 1982 (Reconquista do Brasil; nova série; v. 70).

ÁVILA, Afonso. *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco.* São Paulo: Perspectiva, 1980. (Debates).

BAXANDALL, Michael. *O Olhar Renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença.* (trad.) Maria Cecília Preto da Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. (Oficina das Artes; v. 6).

BENCI, Jorge. *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos (livro brasileiro de 1700) (Estudo preliminar)* Pedro de Alcântara Figueira; Claudinei M.M. Mendes. São Paulo: Grijalbo, 1977.

CASIMIRO, Ana Palmira B.S. e SILVEIRA, Camila Nunes Duarte. *A Missão: Educação e Estética nas Imagens de Evangelização na Região dos Sete Povos.* In: SOUZA, Sauléber Tércio de. e RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza (orgs.). *Cinema e Ensino de História da Educação.* Uberlândia: EDUFU, 2012 (no prelo).

CASIMIRO, Ana Palmira B.S. Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos: uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil colonial. Salvador: Faculdade de Educação/UFBA, 2002 (Tese de doutoramento).

_____. *Memória, Imagem, Religião, Educação: Herança de uma sociedade no limiar da (des)razão.* Expositora da Mesa Temática no IX Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional do Museu Pedagógico (2011).

_____. *O Barroco como forma de expressão religiosa e pedagógica no mundo Colonial.* VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. (2010).

FRANCASTEL, Pierre. *FRANCASTEL, Pierre. A Realidade Figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte.* São Paulo, Perspectiva, EDUSP, 1973. 447 páginas (Estudos, 21).

_____. *Imagem, Visão e Imaginação.* Lisboa, Edições 70, 1983. 165 páginas (Arte e Comunicação).

HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte.* v. 2. São Paulo, Mestre Jou, 1972;

KIRCHOF, Edgar Roberto. *Literatura Brasileira I.* Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2008.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: origens, barroco, arcadismo.* São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1983.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. *Teoria da Literatura.* Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

VIEIRA, Antônio (S.J.). *Escritos Históricos e Políticos.* (Org. e prefácio) Alcir Pécora. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Clássicos).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

VIEIRA, Antônio (S.J.). Sermões Pregados no Brasil II: A Vida Social e Moral na Colônia. (Org. e notas) Hernani Cidade. v. III. Lisboa: República Portuguesa; Ministério das Colônias; Divisão de Publicações e Bibliotecas; Agência Geral das Colônias. 1940.